

Um estudo da relação entre referenciação e gênero textual

Wagner Alexandre dos Santos Costa¹

RESUMO

Nos estudos sobre Referenciação, o termo “objeto de discurso” remete a uma ocorrência textual do enunciado que adquire significação no acontecer próprio da atividade discursiva. A aplicação dessa noção vem sofrendo ajustes. Antes se limitava apenas a formas da língua (palavras, expressões), já atualmente abarca semioses não verbais e se insere em uma perspectiva cognitivo-discursiva de referenciação, segundo a qual esta atividade não se limita à superfície textual. O objetivo desta pesquisa é, pois, problematizar os limites do termo “objeto de discurso”, discutindo a relação entre gênero textual e referenciação. Nossa proposta é ampliar a sua abrangência formal, que deve recobrir unidades e categorias esquemáticas dos gêneros textuais no processo de referenciação. O quadro epistemológico que oferece suporte ao estudo reúne teorias nas quais a linguagem é contemplada como uma atividade sociocognitiva e interacional, realizando os sujeitos procedimentos inferenciais e mutuamente colaborativos. A noção de categorias textuais é pensada a partir das superestruturas esquemáticas (VAN DIJK, 1980, 1990, 1996) e seu estudo é desenvolvido com base nas teorias sobre Referenciação. (MONDADA e DUBOIS, 2003[1995]).

Palavras-chave: Referenciação. Objetos de discurso. Categorias textuais.

A study of the relationship between referencing and textual genre

ABSTRACT

In the studies on Referencing, the term “object of discourse” refers to a textual occurrence of the utterance that acquires meaning in the proper happening of the discursive activity. The application of this notion has been undergoing adjustments. Before it was limited only to forms of language (words, expressions), it already encompasses nonverbal semiosis and is inserted in a cognitive-discursive perspective of reference, according to which this activity is not limited to the textual surface. The objective of this research is, therefore, to problematize the limits of the term “object of discourse”,

¹ É Doutor em Estudos da Linguagem (UFF/2013), mestre em Língua Portuguesa (UFF/2007), especialista em Língua Portuguesa (UFF/2005) e graduado em Letras (UNESA/2003). Atualmente é professor efetivo do Instituto de Ciências Humanas e Sociais/ Departamento de Letras e Comunicação (ICHS/DLC) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), onde leciona nos cursos de graduação e no Mestrado profissional em Letras (PROFLETRAS) e da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro (PCRJ). Atua, ainda, como coordenador do subprojeto Letras no Programa de Iniciação à Docência (CAPES-PIBID), acompanhando licenciandos da UFRRJ em escolas do município de Seropédica-RJ. Seu interesse e sua experiência acadêmico-profissional concentram-se nos seguintes temas: Língua Portuguesa e Ensino de língua portuguesa; Linguística Textual e Referenciação; e Análise do Discurso (na vertente Semiolinguística). É autor do livro O contrato de comunicação no jornalismo popular: um foco na categoria título e pesquisador dos seguintes grupos de pesquisa: INTEGRA (Interação, cognição e gramática), da UFF, e ELMEP (Estudos Linguísticos, Multiletramentos e Ensino de português), da UFRRJ. Contato: wagnercosta.prof@gmail.com.

discussing the relation between textual genre and reference. Our proposal is to extend its formal scope, which should cover schematic units and categories of textual genres in the referral process. The epistemological framework that supports the study brings together theories in which language is contemplated as a socio cognitive and interactional activity, the subjects performing inferential and mutually collaborative procedures. The notion of textual categories is thought from the schematic superstructures (VAN DIJK, 1980, 1990, 1996) and their study is developed based on the theories on Referencing. (MONDADA and DUBOIS, 2003 [1995]).

Keywords: Referencing. Speech objects. Textual categories.

1 INTRODUÇÃO

Na base da atividade discursiva, relacionam-se dois processos que não se separam rigorosamente: o de referenciação, que corresponde a colocar em cena no texto novas entidades e referentes, e o de progressão referencial, relacionado ao processo de continuidade tópica do texto, pois inclui a retomada de referentes já introduzidos ou que servem de base, por meio de alguma associação, para introdução de novos referentes.

O termo “objeto de discurso”, nos estudos sobre Referenciação, remete a uma ocorrência textual do enunciado que produz sentido no fio do discurso. A aplicação dessa noção vem sofrendo ajustes. Antes se limitava apenas a formas da língua (palavras, expressões), já atualmente abarca semioses não verbais e se insere em uma perspectiva, segundo a qual a atividade de referenciação não se limita à superfície textual.

Neste estudo, objetiva-se empreender uma discussão que repense o estatuto dos objetos de discurso e proponha a abrangência dessa noção sobre outros tipos de unidades/categorias formais que compõem os gêneros textuais/discursivos.

A hipótese é a de que unidades textuais, como versos e estrofes de um poema e, ainda, categorias esquemáticas, como títulos, entre outras, possam, no processo de referenciação, sofrer recategorização e, assim, ser englobadas pelo termo “objeto de discurso”. Essa abordagem teórico-metodológica permite, por exemplo, o tratamento de construções textuais não lineares pela ótica da referenciação. Isto representa a ampliação das possibilidades analíticas de certos fenômenos que até então requerem o uso de teorias auxiliares.

O aporte teórico que embasa tal visão privilegia uma concepção cognitivo-discursiva de referenciação, conforme defendem Mondada e Dubois (2003[1995]), Koch e Elias (2008), Marcuschi (2004) e Cavalcante (2011).

Este texto apresenta inicialmente os pressupostos teóricos adotados, relacionando as noções de referenciação (MONDADA, 2003[1995]) e categorias esquemáticas (VAN DIJK, 1980, 1990, 1996). Em seguida, são realizadas duas análises que visam sustentar a posição que defendemos. Por fim, seguem-se a conclusão e as referências.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Referenciação e progressão textual

Na Antiguidade, filósofos como Platão e Aristóteles já refletiam sobre linguagem e referência distinguindo conceitos de “expressão”, “conteúdo” e “referente”. Segundo tal visão, o referente correspondia especularmente à “coisa” extralinguística e a referência constituía a relação entre linguagem e exterioridade. Ou seja, os registros desses primeiros pensamentos diziam que o referente seria o próprio objeto da realidade, designado pelas expressões linguísticas. Assim, a língua representaria perfeita e adequadamente o mundo, que estaria pronto, de tal modo que ela (a língua) refletia o mundo, representava-o fidedignamente, independente dos sujeitos.

Atualmente, não se entende mais esta relação de maneira estática, como se a língua fosse um instrumento simplesmente acabado e pronto para representar o mundo de modo especular. Essa alteração de enfoque é defendida por Marcuschi (2004, p. 263) quando propõe “mudar a forma de contemplar a questão saindo da ideia de *relação* para a de *ação*”. (grifo do autor).

São, pois, conforme esta visão, muito mais complexas as relações entre língua e mundo. De acordo com ela “os sujeitos constroem, através de práticas discursivas e cognitivas social e culturalmente situadas, versões públicas do mundo”. (MONDADA; DUBOIS, 2003[1995], p. 17). Ou seja, afirma-se que as categorias e os objetos de discurso pelos quais os usuários compreendem o mundo se desenvolvem e se modificam conforme o contexto. Tais objetos não são preexistentes, nem são já dados, convencionais ou fixos.

Mondada (2005, p. 11), ao tratar da questão, propõe que se adote o termo “referenciação” em vez de “referência” e, em decorrência, propõe também a substituição do termo “referente” pelo termo que melhor atende a tal proposta, “objeto de discurso”. Assim diz a autora:

A questão da **referência** [...] foi historicamente posta como um problema de representação do mundo [...]. A questão da **referenciação** opera um deslizamento em relação a este primeiro quadro: ela não privilegia a relação entre as palavras e as coisas, mas a relação intersubjetiva e social no seio da qual as versões do mundo são publicamente elaboradas [...].

No interior dessas operações de referenciação, os interlocutores elaboram **objetos de discurso**, i.e., entidades que não são concebidas como expressões referenciais em relação especular com objetos do mundo ou com sua representação cognitiva, mas entidades que são interativamente e discursivamente produzidas pelos participantes no fio de sua enunciação. [...] Dito de outra forma, o objeto de discurso não remete a uma verbalização de um objeto autônomo e externo às práticas languageiras; ele não é um referente que teria sido codificado linguisticamente. (MONDADA, 2005, p. 11, grifo nosso).

A passagem da referência para a referenciação, como explicam Mondada & Dubois (2003[1995], p. 17), tem como pressuposto não apenas a visão do sujeito como um ser “encarnado” (em oposição a uma concepção abstrata e ideal de sujeito), mas também a de um sujeito que interage sociocognitivamente com o mundo.

Os objetos de discurso, entidades dinâmicas situadas contextualmente (MARCUSCHI, 2007), são expressos por várias possibilidades estruturais, desde algumas mais simples, como os pronomes, até outras mais elaboradas, como as expressões nominais. (Cf. KOCH, 2002).

Com base nessa concepção textual-discursiva de referenciação, Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), definem o processo de recategorização como uma atividade de retomada de uma expressão linguística já presente no texto, sobre a qual o falante opera uma reconstrução de sentidos, de acordo com suas necessidades discursivas.

Posteriormente expandiu-se a visão sobre a recategorização. O entendimento de que os processos de referenciação podem ocorrer com base em ativação mental de informações, sem menção propriamente dita no texto, levou a uma concepção cognitivo-discursiva dessa atividade e, por conseguinte, ampliou o leque de recursos analíticos. De acordo com essa visão, o objeto de discurso pode emergir em uma interação, sem necessariamente se explicitar por uma expressão referencial. (CAVALCANTE, 2011).

Como nosso propósito neste estudo é estender a abrangência formal dos objetos de discurso aos limites de unidades e categorias textuais, apresentamos, a seguir, o conceito de superestrutura esquemática. (VAN DIJK, 1980, 1990, 1996).

2.2 As categorias/unidades textuais sob a ótica dos processos de referenciação

O significado global de um texto, como aponta Van Dijk (1990, p. 77), possui mais do que sua organização semântica, pois evoca também uma relação com as (possíveis) formas globais do texto nas quais o tema pode ser inserido e organizado. Tais esquemas, tratados teoricamente como superestruturas (VAN DIJK, 1980; 1990, 1996), são formados por categorias hierarquicamente ordenadas, mais ou menos fixas, que variam de acordo com o texto. São também funcionais, pois desempenham “papéis” em função do contexto. Além disso, podem especificar-se por serem convencionais, portanto variáveis conforme cada cultura, o que no processo de interpretação os possibilita constituírem-se em importantes ferramentas de leitura, agindo o leitor/ouvinte de modo consciente ou intuitivo.

Como destaca Van Dijk (1990, p. 83), tal estrutura é descrita em termos de “categoria” e de “regras de formação”. Assim, entre as categorias de um conto figuram, por exemplo, a introdução, a complicação, o desfecho etc. Já as regras determinam a ordem em que as categorias aparecem. Ou seja, em um esquema linear de um conto, as categorias citadas aparecem na ordem acima apresentadas. Já na notícia, o título invariavelmente precede o corpo do texto; em um meme, gênero de leitura não necessariamente linear, essas relações, por outro lado, se flexibilizam.

O que denominamos “categoria” textual compreende o limite do que Van Dijk (1990) estabelece para as categorias de uma superestrutura esquemática, em uma notícia, por exemplo, título, subtítulo (pré-textuais), lide, antecedentes, reações verbais etc. (textuais). No entanto, em relação à organização básica do gênero poema, que pode comportar estrofes e versos, já não podemos estabelecer tal correlação. Consideramos esses constituintes como “unidades”, não categorias, tal como não consideraríamos um parágrafo ou uma linha em uma notícia também uma categoria.

Note-se que, se se trata de categoria ou unidade textual, para o propósito do estudo não é o mais importante. O que pretendemos evidenciar é a possibilidade de um constituinte maior do que o sintagma ser passível de recategorização.

Costa (2013; 2016) empreendeu um estudo sobre títulos do jornalismo popular e concluiu por uma abordagem em que a categoria título devesse ser pensada à luz dos processos de referenciação. No estudo, o autor mostra que o título pode ser recategorizado na atividade de leitura, sendo, dessa forma, também um objeto de discurso.

Já Cardoso (2015) estudou os processos de referenciação em paródias de Marcelo Adnet. A Autora (p. 149), ao analisar o *Rap do PM (MC Ratão)*, considera a unidade verso no processo de recategorização na atividade de (re)construção de sentidos na paródia:

<u>Paródia</u> ✓ objeto de discurso recategorizado	<u>Texto-fonte</u> ✓ objeto de discurso a ser ativado pelo leitor/ouvinte
Quer rodar, quer rodar, PM vai te ensinar (<i>Rap do PM - Mc Ratão - Marcelo Adnet</i>)	Quer dançar, quer dançar, o tigrão vai te ensinar (<i>Cerol na mão - Bonde do Tigrão</i>)

(Adaptado de Cardoso, 2015, p. 149).

Na análise de Cardoso (p. 153), todo o enunciado acima é contornado de um tom irônico em relação ao ato de “prender”, comumente referenciado por “rodar”. A recategorização do verso é um recurso empregado por Adnet na construção do enunciador da paródia, o Ratão, estereótipo de um tipo de policial militar notadamente corrupto.

Estabelecida a relação entre referenciação e unidade/categoria textual, procedemos, na sequência, a duas análises que ilustram nossa proposta.

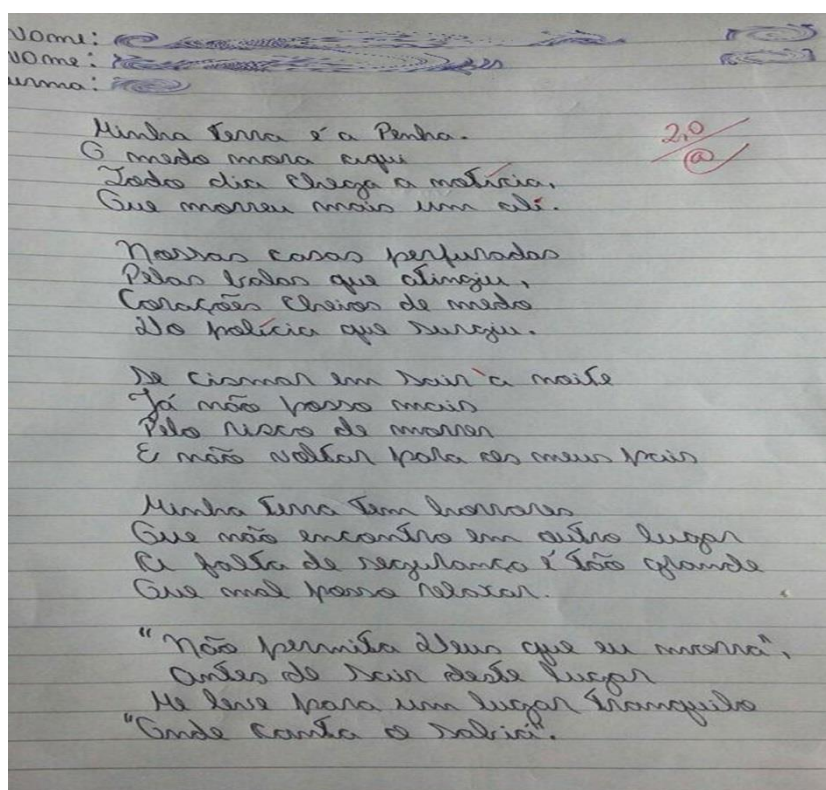
3 CATEGORIAS E UNIDADES TEXTUAIS COMO OBJETOS DE DISCURSO

3.1 As unidades estrofe e verso no gênero poema

São diversos os fatores de coerência atrelados aos processos de referenciação. O recurso da intertextualidade, pelo viés da paródia ou não, por exemplo, pode oferecer evidências de casos de recategorização em que o processo de referenciação ultrapassa o nível da expressão nominal.

O poema seguinte, paródia da Canção do Exílio, de Gonçalves Dias, foi criado por um aluno da rede pública escolar da Cidade do Rio de Janeiro. Sua autoria não teve divulgação permitida, mas o texto obteve muitos compartilhamentos pelas redes sociais.

Texto 1 – Paródia da Canção do Exílio.



Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/minha-terra-tem-horrores-versao-de-poema-feita-por-alunos-do-rio-cao-comocao-nas-redes-sociais.ghtml>. Acesso em: 28 de agosto de 2017.

Veja-se que o autor desconstrói a visão nacionalista de sua terra natal por meio da recategorização da referência feita por Gonçalves Dias. Isto é feito tanto na unidade textual estrofe, quanto na unidade verso.

(1)

Minha terra é a Penha.

O medo mora aqui.

Todo dia chega a notícia.

Que morreu mais um ali.

Em (1), “terra”, em vez de ter palmeiras, “é a Penha”. Nela não mora o “sabiá”, mas o “medo”. Tais procedimentos compõem a recategorização de terra, que não se dá localmente em uma palavra ou expressão, mas se dilui no todo da unidade textual. A estrofe, então, é recategorizada. O próprio verso “Minha terra é a Penha” constitui em si uma recategorização operada no limite da unidade verso, como ocorre no primeiro verso da quarta estrofe:

(2) Minha terra tem horrores

Nela se dá uma recategorização que constrói, no conjunto com outras realizadas, o sentido de crítica, decorrente da visão negativa da terra natal do autor. Opõe-se “primores” a “horrores”.

Veja-se também, no poema, a opção pela não recategorização, outro recurso expressivo empregado pelo autor para estabelecer um elo de significação mais nítido entre o sentido do texto-fonte e o sentido reconstruído na paródia. Evidentemente, não há entre os dois versos (o de Gonçalves Dias e o do Autor anônimo) correferenciação, ou referência ao mesmo conteúdo, por pelo menos duas razões: o eu do poema na paródia não é mais o mesmo do texto parodiado e a referência à morte na paródia é especificamente decorrente da violência apresentada no seu contexto.

Por fim, atesta-se o mesmo recurso expressivo na opção pela não recategorização no último verso do poema, no qual “Onde canta o sabiá” representa o local almejado nas referências construídas pelos dois autores. Então as unidades estrofe e verso podem ser

submetidas ao processo da recategorização em que a referência não se aplique a um item lexical ou a uma expressão nominal somente.

3.2 A não linearidade em rótulos e memes

Cavalcante (2005, p. 132) admite a possibilidade de o processo de recategorização dar-se de modo ainda mais cognitivamente situado:

A menor ou maior desestabilização da categoria em mudança é o próprio traço, explícito ou implícito, que define a recategorização de um referente, quer tenha ele sido já introduzido no discurso para ser transformado, **quer não tenha sido e se recategorize apenas mentalmente**, no próprio momento em que o anafórico remete indiretamente à sua âncora. (CAVALCANTE, 2005, p. 132, grifo nosso).

A autora certamente se referia a casos de anáfora indireta, em que o referente é cognitivamente construído a partir de uma ancoragem textual. Analogamente, as “embalagens sinceras”, do artista Fabrício Fajardo, são também assim elaboradas, sem menção explícita ao referente, que pode ser ativado por meio de elementos verbo-visuais da imagem e ser recategorizado apenas mentalmente:

Texto 2 – Embalagens sinceras de Fabrício Fajardo.



Disponível em: <http://cargocollective.com/fabriciofajardo/Embalagens-sinceras>. Acesso em: 20 de setembro de 2017.

Os referentes Coca-Cola, Fanta e Nescau não foram mencionados, mas, recuperáveis pelas formas e cores, além do grafismo da letra, podem ser inferidos pelo interlocutor que

contempla a arte. Os objetos de discurso Corante, Açúcar e Açúcar 2.0 só produzem sentido no processo de recategorização se ativado mentalmente o objeto de discurso anaforizado.

Memos também nos permitem refletir sobre a posição teórica que assumimos. Esse gênero textual é formado basicamente por duas categorias textuais, às quais denomino *réplica* (o elemento que se repete em um meme, o replicável, e que adquire diferentes sentidos, conforme o seu contexto de ocorrência) e *contextualizador* (um texto verbal que se sobrepõe à imagem, ou uma legenda acima dela, ou até mesmo outro elemento não verbal). O Meme é um gênero textual que admite bastante variação nas semioses que formam as suas categorias textuais, podendo, por exemplo, a categoria réplica ser constituída por vídeos, *gifs*, fotos etc.

Para citar um exemplo, o caso dos slides produzidos pelo Procurador da República Deltan Dellagnol, que atua na operação Lava Jato, ilustra como a produção de memes acontece e como os conteúdos são recategorizados.

Na imagem abaixo, temos a reprodução de um dos slides utilizados na defesa da tese do procurador no curso do julgamento do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Não se trata de um meme, mas de uma reprodução de imagem usada em uma sustentação oral.

Texto 3 – Slides de Deltan Dellagnol.



Imagem disponível em: <http://veja.abril.com.br/brasil/site-permite-criar-power-point-do-lula/>.
Acesso em: 28 de agosto de 2017.

Devido à grande repercussão negativa (para um grupo que se opunha à sua argumentação) acerca da consistência dos argumentos desenvolvidos a partir do slide, vários

memes criados por internautas passaram a ironizar o fato, que se tornou a origem para as produções que se deram na sequência daquele acontecimento discursivo.

Segue-se uma dessas ocorrências, criadas em um gerador de memes, em que um dos possíveis sentidos, expresso pela repetição do nome Lula, pode ser o conteúdo implícito de que toda a corrupção na política, na visão do procurador, estaria vinculada ao ex-presidente.

Texto 4 – Meme slides de Daltan Dellagnol.



Imagem disponível em: <http://www.tnh1.com.br/noticias/noticias-detalle/brasil/power-point-do-mpf-contra-lula-vira-motivo-de-piadas-na-internet/?cHash=ff50fa8802f6db4cfd3ffad4622e01dd>. Acesso em: 30 de agosto de 2017.

Nesse caso, temos, na categoria textual réplica, a imagem de Dellagnol em pé na apresentação e a imagem do modelo de slide utilizado. Já a categoria textual contextualizador é a alteração do conteúdo verbal. A recategorização, importante procedimento argumentativo, é operada pelo contextualizador (Lula, Lula, Lula...), uma vez que é esta a categoria responsável por reconstruir o sentido anterior.

Vejam-se, a seguir, memes que remetem ao episódio conhecido por Temer-Häagen-Dazs. Sua origem foi a publicação de uma lista de compras para abastecimento do avião presidencial em que eram solicitadas 500 unidades do caro sorvete da marca Häagen-Dazs.

O elemento réplica são duas imagens capturadas do vídeo da música *Hotline Bling*, do cantor Drake, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uxpDa-c-4Mc>. Este meme é replicado em situações que opõem dois elementos, atribuindo valor negativo a um e positivo a outro. Veja-se:

Texto 5 – Meme Drake.



Imagem disponível em: <https://www.pinterest.pt/pin/399553798173908533/>. Acesso em: 03 de setembro de 2017.

Temos já aí exemplo de uma operação discursiva de referenciação em que não estamos diante de mera expressão nominal, nem apenas de um signo não verbal tomado apenas como uma unidade local de um enunciado. Trata-se de um caso em que a operação discursiva se desdobra sobre uma categoria esquemática/ textual, no termo aqui adotado.

Os dois memes que se seguem apresentam a mesma configuração semiótica para a categoria réplica, com uso inclusive do mesmo texto-base: uma montagem do corpo do cantor Drake com o rosto do presidente Michel Temer. A categoria contextualizador, responsável pela atualização do sentido, no texto 6, concentra a ideia da crítica no valor do sorvete preferido pelo presidente, ao opor o popular picolé Chica Bom ao elitizado sorvete Häagen-Dazs:

Texto 6 – Meme Temer/Häagen-Dazs.

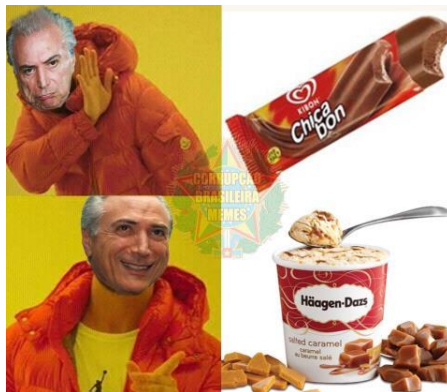


Imagem disponíveis em <http://www.museudememes.com.br/sermons/michel-temer-e-haagen-dazs/>.
Acesso em 31 de agosto de 2017.

No texto 7, observa-se um meme em que a crítica se baseia na oposição entre saúde e educação, por um lado, e o sorvete Häagen-Dazs, por outro, mobilizando sentidos que também opõem, por exemplo, luxo a pobreza; honestidade a corrupção, e público a privado. A (re)construção de sentidos, como se atesta, opera-se no fio do discurso, jamais é dada anterior ao ato de comunicação.

Texto 7 – Meme Temer/Häagen-Dazs (b).

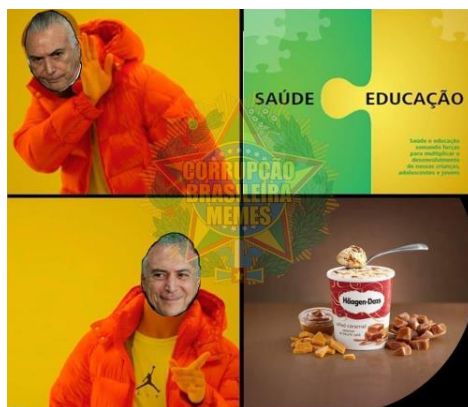


Imagem disponíveis em: <http://www.museudememes.com.br/sermons/michel-temer-e-haagen-dazs/>.
Acesso em 31 de agosto de 2017.

Nos memes, necessariamente, a categoria réplica requer um contextualizador, sem o qual o processo de (re)construção de sentidos não se torna contingenciado, situado. A categoria réplica pode, portanto, ser revisada pela ótica dos processos de referenciação, alçada ao status

de objeto de discurso. A referenciação passa a constituir, portanto, um fator de coerência a ser mobilizado na leitura.

4 CONCLUSÃO

Neste trabalho, defendemos que uma perspectiva cognitivo-discursiva de tratamento dos processos de referenciação nos permite abordar unidades e categorias textuais como objetos de discurso. De acordo com tal visão, o processo de recategorização, que instaura novo/s sentido/s no texto, pode acontecer quando parodiamos um texto. Pode acontecer, ainda, quando procedemos à leitura de um título, orientados por nossas hipóteses de leitura ou quando reconstruímos sentidos propostos em gêneros textuais como o meme, por meio da ativação mental de conteúdos que o texto reconstrói.

O benefício metodológico dessa abordagem consiste em se poder analisar operações discursivas tendo-se como ancoragem textual indicadores de outra natureza semiótica, como aqueles vinculados às funções esquemáticas textuais. Além disso, permite tratar ocorrências não lineares de organização textual pela ótica da referenciação, o que amplia os recursos analíticos para o tratamento de ocorrências textuais cada vez mais complexas.

Por essas razões, concebemos as relações referenciais estabelecidas também pelas categorias/unidades textuais como não óbvias, não dadas aprioristicamente. Diferente disto, consideramos serem construídas na relação entre autor, leitor, texto e contexto. Então, de acordo com esse entendimento, rótulos de uma embalagem, categorias esquemáticas dos memes, títulos de uma notícia e versos/estrofes de um poema podem, por exemplo, constituir-se como objetos de discurso. Quer-se, com isso, chamar a atenção para as ligações entre referenciação, gênero e as categorias/unidades textuais que os compõem.

REFERÊNCIAS

APOTHÉLOZ, D; REICHLER-BÉGUELIN, M. J. Construction de la référence et stratégies de désignation. In: BERRENDONNER & REICHLER-BÉGUELIN, M-J. (eds.). *Du syntagme nominal aux objets-de-discours: SN complexes, nominalizations, anaphores*. Neuchâtel: Institute de linguistique de l'Université de Neuchâtel, 1995, p. 227-271.

- CARDOSO, Gabriela de Lourdes Porfírio. *Sátira na paródia e no pastiche: análise linguístico-discursiva de textos humorísticos de autoria de Marcelo Adnet*. 2015. 213f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2015.
- CAVALCANTE, M.M. Anáfora e dêixis: quando as retas se encontram. In: KOCH, I. V; MORATO, E. M. M; BENTES, A. C. *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 125-149.
- _____. *Referenciação: sobre coisas ditas e não ditas*. Fortaleza: Edições UFC, 2011.
- COSTA, W. A. *Do título ao texto. Do texto ao título: o processo de estabilização da referência em notícias do jornal Meia Hora*. 2013. 212 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.
- _____. *O contrato de comunicação no jornalismo popular: um foco na categoria título*. Jundiaí/SP: Paco Editorial, 2016.
- KOCH, I. *Desvendando os segredos do texto*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- _____. Referenciação e orientação argumentativa. In: KOCH, MORATO & BENTES (Orgs.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.
- _____. ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 2a ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- MARCUSCHI, L. A. O léxico: lista, rede ou cognição social? In: NEGRI, L; FOLTRAN, M; OLIVEIRA, R. (Orgs.). *Sentido e Significação: em torno da obra de Rodolfo Ilari*. São Paulo: Contexto, 2004.
- _____. Coerência e cognição contingenciada. In.: *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 13-30.
- MONDADA, L. Referência como trabalho interativo: a construção da visibilidade do detalhe anatômico durante uma operação cirúrgica. In: KOCH, MORATO & BENTES (Orgs.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.
- _____. & DUBOIS D. Construção dos objetos de discurso e categorização: Uma abordagem dos processos de referenciação [1995]. In: CAVALCANTE M.M., RODRIGUES B.B. & CIULLA A. (Orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.
- VAN DIJK, Teun A. *Macrostructures*. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1980.
- _____. *La noticia como discurso: comprensión, estructura y producción de la información*. Barcelona: Paidós Comunicación, 1990.
- _____. *Estructuras e y funciones del discurso: una introducción interdisciplinaria a la lingüística del texto y a los estudios del discurso*. 10ª ed. México: Siglo veintiuno editores, 1996.